XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A dimensão utópica da economia solidária. Contribuições para o debate.

Manuela Salau Brasil.

Cita:

Manuela Salau Brasil (2009). *A dimensão utópica da economia solidária. Contribuições para o debate. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-062/1409

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

A dimensão utópica da economia solidária
Contribuições para o debate

Manuela Salau Brasil
Universidade Federal do Paraná
manu_lela2@hotmail.com

INTRODUÇÃO

> percorre o mundo todo um grande querer e intencionar do que ainda não chegou: a utopia concreta é a mais importante teoria e prática desta tendência (Ernst Bloch)

Há várias pesquisas que analisam a economia solidária em diversos aspectos: subjetivos, econômicos, políticos, sociais, culturais. No entanto, uma destas dimensões parece "atravessar" as demais, de forma latente ou manifesta, mas raramente como

discussão principal. Esta dimensão refere-se ao "conteúdo utópico" da economia solidária, perceptível tanto na fala dos trabalhadores pesquisados, como também na visão de alguns teóricos, militantes e apoiadores destas iniciativas. Embora a palavra utopia seja pouco citada, seu sentido pode ser capturado em algumas menções como: mudar a sociedade, transformação, projetos políticos alternativos, outra economia, outra sociedade, formas alternativas de vida, sonhos, esperanças, futuro melhor, entre outras.

Apesar de controverso, o conceito de utopia vem sobrevivendo às muitas tentativas de desqualificação e desvirtuamento. A banalização do termo remete a uma visão ingênua de crença em algo impossível, produto de mera fantasia. Assim, neste texto defende-se que a perspectiva teórica de Ernst Bloch fornece instrumentos para pensar a utopia numa visão de "otimismo militante", e além disso, permite identificar a economia solidária como uma utopia concreta.

Estas discussões estão sistematizadas da seguinte forma: após esta breve introdução o texto segue com algumas reflexões sobre a relação entre economia solidária e utopia, seguido por alguns conceitos de Ernst Bloch e então as considerações finais.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Utopias sociais, mesmo em seus inícios tateantes, sempre foram capazes de dizer não à canalhice, ainda que esta fosse toda-poderosa, ainda que se tivesse tornado hábito.

(Ernst Bloch)

A economia solidária inspira-se no cooperativismo do século XIX, naquilo que se constituiu como reação à Revolução Industrial, e portanto, bebe na fonte do socialismo utópico. São experiências que se intensificaram no Brasil ao final do século XX, também como reação diante do aumento do desemprego. A heterogeneidade das experiências de economia solidária se dá em vários aspectos: a forma jurídica, as motivações iniciais dos trabalhadores para a formação do empreendimento, as

justificativas para se manter nestes empreendimentos, o acompanhamento dos apoiadores, entre outras. Para além destas diferenças, tomam como ponto de partida a crítica à lógica do sistema capitalista, até porque são formadas em sua grande maioria por suas vítimas. O número de empreendimentos solidários vem aumentando, e sem obediência a modelos rígidos ou fechados, e respeitando as várias especificidades, mantêm-se na orientação pelos princípios e práticas antagônicos aos do capitalismo.

A despeito das diferenças, percebe-se um núcleo comum representado por quatro princípios orientadores destes empreendimentos: a solidariedade ao invés do individualismo, a cooperação ao invés da competição, a centralidade do trabalho e não do capital e a autogestão no lugar da heterogestão. Há também uma preocupação que extrapola os limites do empreendimento, afetando a comunidade e tendo implicações em diversas esferas da vida.

Afirma-se que a economia solidária possui uma dinâmica multidimensional, e seus resultados ecoam em diversos aspectos, alguns deles mais evidentes que outros. Sustenta-se que a utopia é uma destas dimensões tocadas pela economia solidária, numa relação em que utopia e economia solidária se alimentam mutuamente.

Salienta-se que, entre tantos benefícios (que não excluem o reconhecimento das dificuldades) a economia solidária é capaz de recompor um aspecto esquecido ou negligenciado pela economia capitalista: a capacidade de querer e agir para um futuro melhor, de sonhar e ter esperanças, de acreditar que "outra economia", "outro mundo" é possível. Esta não é uma questão que deva ser negligenciada, pois traz a tona uma virtude pouco explorada e muito importante das experiências de economia solidária: a valorização da utopia. Esta valorização é ainda mais relevante porque ocorre num contexto em que a utopia já foi decretada morta.

Um dos principais autores e militantes da economia solidária, Paul Singer, exprimi sua utopia ao argumentar:

> A economia solidária **é ou poderá ser** *mais do que mera resposta* à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: *uma alternativa superior ao capitalismo*. (SINGER, 2002, p. 114) (grifo nosso)

Tal posição é alvo de críticas, passando tanto por aquelas que desqualificam esta tese como por outras que minimizam ou desconsideram qualquer avanço da economia solidária**.** Sem a intenção de explorar este debate, recorre-se a Gaiger que estabelece a discussão nos seguintes parâmetros: "a economia solidária não se define necessariamente em oposição à economia capitalista, que por sua vez tampouco determina invariavelmente ou esgota o sentido da economia popular, mas representa outra economia, antagônica ao caráter e ao lugar histórico subalternos que ambas, por razões diversas, reservam a quem vive do trabalho" (2004, p.375)

Nascida sob o signo de uma crise de desemprego, deve-se considerar a possibilidade de que existam empreendimentos ou organizações que extrapolem estes limites. De acordo com Gadotti e Gutiérrez (2005, p.9): "A maior parte dessas organizações de economia popular nasceu como resposta a necessidades de sobrevivência, mas, em muitos casos, também como estratégia de vida, isto é, como opção de vida que vai além da simples subsistência."

Esta opção de vida contempla uma opção por outra sociedade, em que o econômico reverbera em outras dimensões. Gutiérrez (2005, p.31) afirma:

> o agir orgânico e o grupo comunitário têm que se assentar na utopia social, isto é, na utopia concebida como a antecipação de uma sociedade melhor que a presente. Esta visão utópica é, em

> conseqüência, o referente obrigatório que motiva e alimenta o agir orgânico do grupo comunitário.

A utopia é uma chave de análise importante para se compreender o movimento real da sociedade, especialmente a economia solidária. Ao analisar os resultados de diversas experiências, Gaiger (2004) identicou que dois fatores são necessários para a constituição e manutenção de empreendimentos econômicos solidários. De um lado os "fatores de pressão negativos", representados pelas dificuldades advindas do mercado de trabalho e da própria economia, que costumam funcionar como mecanismo impulsionador para que os trabalhadores busquem outras opções de trabalho e renda, das quais a economia solidária é uma delas. Apesar disso, um empreendimento econômico solidário não se sustenta se baseado somente nesta condição, sendo necessário também a presença de "fatores de pressão positiva" que transcendam as questões econômicas e emergenciais e colaborem para a escolha de soluções coletivas e solidárias. Portanto, é do encontro entre a inconformidade com determinada situação e a elaboração de propostas para alternativas de mudança que germinam movimentos capazes de instaurar ou renovar as energias utópicas. Sobre esta questão, Gaiger (2004, p.379) destaca:

> Quando[...] se trata[...] de produzir e viabilizar soluções próprias, adotando formatos altamente inovadores, quando não inéditos, todos os recursos tornam-se pequenos e todo o lastro social, **principalmente a energia contida nas idealizações e nas relações de confiança, assume um papel determinante**. (grifo nosso)

A utopia é um dos fatores que estimula a adesão de trabalhadores em empreendimentos solidários que, além de gerar renda, acenam para um futuro melhor, logo, em descontinuidade com o presente.

Cattani (2003, p.273) lembra que muitas conquistas atuais já foram vistas como utópicas: "Entre as mais importantes realizações hoje incorporadas à vida social, mas que,

no seu início, eram consideradas utópicas, destaca-se a luta contra o trabalho escravo e o emprego legal da tortura".

Embora nem sempre manifestada clara ou explicitamente, as experiências de economia solidária são movidas pelo desejo e esperança de que é possível uma "outra forma de viver". A necessidade de sobrevivência alia-se a outras necessidades do ser humano, todas elas iluminadas pela utopia, ou mais precisamente, pela utopia concreta como nos ensina Ernst Bloch.

UTOPIA

Onde não se pode mais nada e onde nada mais é possível, a vida parou. (Ernst Bloch)

O termo utopia foi empregado pela primeira vez por Thomas Morus, como título de sua obra a respeito de uma ilha imaginária (1516). É possível afirmar que, desde então, o termo utopia rompeu os limites do gênero literário, expandindo-se para nomear diferentes gêneros, incluindo conteúdos expressos em formulações anteriores à sua origem.

Se o entendimento acerca da economia solidária gera polêmicas, com a utopia isto se dá com maior intensidade. Sem a pretensão de recuperar tais discussões, propõe-se apresentar algumas das contribuições de Ernst Bloch consideradas fundamentais para compreender a utopia em seu sentido positivo. Alega-se que a partir de sua obra foi possível um melhor entendimento sobre a utopia, desfazendo-se confusões sobre o significado e a importância desta categoria. Münster (1993, p.25) assevera:

> Para Bloch a utopia não constitui um *topos* idealizado ou projetado, como era para Platão e para os filósofos do Renascimento [Thomas Morus, Campanella, Bacon]; utopia é, em primeiro lugar, um *topos* da atividade humana orientada para um futuro, um *topos* da consciência antecipadora e a força ativa dos sonhos diurnos.

Se ainda hoje há desconfianças sobre o termo, o mesmo acontece com Ernst Bloch que, marxista, se debruçou em um tema destinatário de tantas críticas inclusive de próprios marxistas e socialistas. Uma das singularidades de sua obra é a compreensão sobre as necessidades. Nas palavras de Albornoz (1998, p. 21): "O estímulo de base dos homens é a fome, e em primeiro lugar a fome material, a fome de alimento; mas as fomes dos homens são numerosas e variadas...". A mesma autora complementa: "Na fome se enraíza a esperança"(ALBORNOZ, 2005, p.27)

Estas fomes são expressas nos sonhos diurnos, que ao contrário dos sonhos noturnos, revelam o ainda-não-consciente. No entanto, nem todos os sonhos diurnos carregam um conteúdo utópico, assim como nem todo conteúdo utópico é concreto: alguns expressam sonhos burgueses, outros sonhos impossíveis. Os sonhos impossíveis estão na origem das utopias abstratas, aquelas que não possuem condições reais de se transformarem em realidade, e que representa o sentido corrente do termo. De acordo com Bloch (2005, p.22)

> ...a categoria do utópico possui, além do sentido habitual, justificadamente depreciativo, também um outro que de modo algum é necessariamente abstrato ou alheio ao mundo, mas sim inteiramente voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos.

Os sonhos diurnos e os desejos que são produtos de pura fantasia cabem no conceito de utopia abstrata enunciado por Bloch. Para diferenciar estas utopias inalcançáveis daquelas passíveis de realização, o autor introduz o conceito de utopia concreta.

> importa para a utopia concreta compreender com exatidão o sonho de seu objeto, inerente ao próprio movimento histórico. Como uma utopia mediada com o processo, importa-lhe destacar as formas e os conteúdos que já se desenvolveram no seio da

> sociedade atual. Nesse sentido não mais abstrato, a utopia é o mesmo que antecipação realista do bem; como deve ter ficado explícito. A utopia concreta vinculada ao processo existe nos dois elementos fundamentais da realidade compreendida em termos marxistas: em sua *tendência*, como tensão do que está na vez mas é tolhido; e em sua *latência*, como elemento correlato das possibilidades reais objetivas ainda não realizadas no mundo. (Bloch, 2006, p.177)

Sobre a categoria do possível, Bloch (2005, p. 243) explica: "O homem é alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho a através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente à frente, topando com limites que então já não são limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa".

Bloch elabora quatro tipos de possível: possível formal, possível objetivo-factual, o possível conforme a estrutura do objeto real, e possível objetivo-real. O primeiro não tem compromisso com a realidade, habita o mundo da fantasia, dependendo somente da palavra para se manifestar. No segundo nível amplia-se o dizer para os níveis do pensar e do conhecer, embora ainda numa fase de pouca maturidade, ficando no campo das suposições, hipóteses e conhecimentos parciais, ou seja, o possível ainda tem um amplitude muito grande.

Sobre o terceiro, falta-lhe as condições internas que, juntamente com as externas, predispõe o possível no real. "É verdade que a humanidade somente assume tarefas que pode solucionar; entretanto, se o grande momento que se oferece para a solução topa com uma geração mesquinha, então essa realização é tanto mais meramente possível, ou seja, fragilmente possível". (BLOCH, 2005, p. 229)

A respeito do quarto tipo de possível, o autor esclarece: "O que nele está pré-formatado procura desdobrar-se, todavia não como se anteriormente já existisse, comprimido no menor espaço possível. [...] nunca é algo pronto de modo estanque, que,

como algo existente em forma diminuta, apenas tivesse de concluir o crescimento." (BLOCH, 2005, p. 235). Como num processo de maturação, este possível ainda reserva certa distância de sua realização, e guarda relação com o otimismo militante: "Quando a distância é escamoteada, aparece um otimismo perverso e abstrato; porém, quando a distância é compreendida como a perfectibilidade mediada, o que ela é, em toda a sua condição de perigo, surge o oposto da perversidade: o otimismo militante" (BLOCH, 2005, p. 237) Portanto, não há garantias de que este possível se realize, não há sobre ele o peso das determinações, embora estejam presentes as condições objetivas e subjetivas.

É a partir do "possível objetivo-real" e das categorias potência e latência que se sustenta o caráter de otimismo militante em oposição ao otimismo abstrato, também das utopias concretas em relação as abstratas.

Antagonizando tanto com o pessimismo quanto com um otimismo ingênuo, Bloch encontra no otimismo militante a forma com que, através da ação e do trabalho, da presença das condições objetivas e subjetivas, seja possível a decisão por um futuro melhor. Aliás, parece-lhe mais perverso o otimismo ingênuo que o pessimismo: "Pensar *ad pessimum* é, para toda análise que não o absolutiza, um companheiro de viagem melhor que a ingenuidade barata, e ele constitui a frieza crítica justamente no marxismo". (BLOCH, 2005, p. 197)

O fato de algo não existir na realidade pode dar origem a duas visões: a niilista ou a utópica. Se a primeira transforma o "não" em "nada", a segunda opera a mudança do não para o "ainda não". Um "ainda não" que pode nem mesmo se realizar, mas que contém possibilidades de vir a ser através da ação do homem e que alimenta suas esperanças. É uma diferença fundamental que baseada no otimismo militante atesta que algo "ainda não é", ou seja, possui a capacidade de ser.

Albornoz expressa a síntese do Princípio Esperança de Bloch: " 'A ainda não é A'; o mundo ainda não é todo o mundo; o homem ainda não é todo o homem; o real ainda não é todo o real possível".(ALBORNOZ, 1998, p. 18)

Apoiado em análises empíricas Gaiger afirma que os empreendimentos econômicos solidários permitem aos trabalhadores vivenciar o trabalho emancipado, traduzido através da "ruptura das relações ancestrais de mando e subserviência, escape da pauperização material, emocional e intelectual dos trabalhadores, formação de comunidades de trabalho, desrecalque e reconstituição da subjetividade autêntica, recuperação de solidariedades primárias, espaço de expressão, recomposição do sujeito fragmentado, instauração de produtores livremente associados, nova cultura do trabalho e assim por diante."(GAIGER, 2004, p.395) Ao funcionarem como "comunidades-projetos" os empreendimentos econômicos solidários constitui-me um locus privilegiado de experimentaçãoes que escapam da lógica dominante, e neste sentido, encontram-se com a utopia. Nas palavras de Gaiger (2004, p.395): "Neles é possível estar aqui e em outro lugar, alimentar a **razão utópica** não apenas com a crítica ao sistema, mas igualmente com a realização do desejo".(grifo nosso)

De fato, estão presentes os dois elementos constitutivos da utopia: a dimensão crítica colada à dimensão propositiva. Há elementos que possibilitam afirmar que a economia solidária constitui-se em um exemplo emblemático da utopia concreta, de um "ainda não": "Um ainda-não existe em toda parte; tanta coisa ainda não está consciente para o homem, tanta coisa ainda não chegou à existência do mundo. Mas não haveria nenhum dos dois ainda-não, se eles não pudessem mover-se no possível e volta-se para o seu caráter aberto". (BLOCH, 2005, p.238)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utopia de Morus tem lugar numa ilha, enquanto a economia solidária é uma utopia que já acontecesse em vários lugares; a utopia de Morus é uma obra literária, a economia solidária é uma utopia social, política, que convoca à ação e transformação; a utopia de Morus é utopia abstrata; economia solidária é utopia concreta. Utopia abstrata é crer e esperar que o capitalismo possa resolver problemas criados por ele mesmo, ou melhor, entender como problemas as situações que são premissas básicas para seu

funcionamento. Utopia abstrata é acreditar num capitalismo social e ambientalmente justo, é sonhar com inclusão e trabalho para todos. É sonhar que os trabalhadores nas imensas filas para as reduzidas possibilidades de emprego, que aqueles que freqüentam cursos de qualificação profissional, aqueles recém formados, enfim, que todos em busca de um trabalho decente possam de fato consegui-lo: eis uma utopia abstrata em torno do capital.

Por outro lado, a economia solidária ilumina e é iluminada pela utopia concreta, num movimento que conspira a favor de ambas: a economia solidária como forma de reabilitar o "homo utópicos", e a utopia como forma de se transformar em energia capaz de instaurar e manter experiências e projetos de economia solidária.

Talvez seja cedo para rechaçar o "ainda não" de Singer, e a tarefa imposta seja de analisar as possibilidades existentes e, animados pela utopia concreta, agir visando um horizonte melhor.

Referências bibliográficas

- ALBORNOZ, S. **Ética e utopia: ensaio sobre Ernst Bloch**. 2.ed.rev. Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2006

- ALBORNOZ, S**. O enigma da esperança**: Ernst Bloch e as margens da história do espírito. Petrópolis: Vozes, 1998.

- BLOCH,E.**O princípio esperança**. v.1 Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

- BLOCH,E.**O princípio esperança**. v. 2 Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006.

- CATTANI, A.D. Utopia. In: HESPANHA, P. et al. **Dicionário Internacional da Outra Economia,** 2009.

- GADOTTI,M.; GUTIÉRREZ,F. (Org.). **Educação comunitária e economia popular**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

- GAIGER, L.I. (Org.). **Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

- MUNZER, A. **Ernst Bloch**: filosofia da práxis e utopia concreta. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

- SINGER,P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.